



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Departamento de Computação

CRISTIANE HELEN KOVALSKI DIAS

IMPLICAÇÕES SOBRE O ENSINO E ATUAÇÃO DO
PROFESSOR DA LÍNGUA INGLESA EM UM CONTEXTO DE
BLENDED LEARNING

LONDRINA-PR
2007



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Departamento de Computação

CRISTIANE HELEN KOVALSKI DIAS

IMPLICAÇÕES SOBRE O ENSINO E ATUAÇÃO DO
PROFESSOR DA LÍNGUA INGLESA EM UM CONTEXTO DE
BLENDED LEARNING

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Informática na Educação à sua conclusão.

Orientador: Prof. Rafael Robson Negrão, Ms

LONDRINA-PR
2007

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização) em Informática na Educação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a sua conclusão.

Orientador: **Prof. Rafael Robson Negrão, Ms**

DIAS, CRISTIANE HELEN KOVALSKI.

IMPLICAÇÕES SOBRE O ENSINO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA LÍNGUA INGLESA EM UM CONTEXTO DE BLENDED LEARNING / DIAS, CRISTIANE HELEN KOVALSKI. LONDRINA (PR): UEL / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2007.

43 P.

ORIENTADOR: PROF. RAFAEL ROBSON NEGRÃO, MS.

MONOGRAFIA (PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL, 2007.

CRISTIANE HELEN KOVALSKI DIAS

**IMPLICAÇÕES SOBRE O ENSINO E ATUAÇÃO DO
PROFESSOR DA LÍNGUA INGLESA EM UM CONTEXTO DE
*BLENDDED LEARNING***

Esta monografia foi julgada adequada e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora do Curso de Especialização Lato-Sensu em Informática na Educação, do Departamento de Computação da Universidade Estadual de Londrina.

Banca Examinadora:

Prof. Rafael Robson Negrão, Ms. (UEL) - Orientador

Londrina, ____ de _____ de 2007.

A meu querido esposo pelo apoio e o sempre bem-vindo encorajamento.

A meus pais, pela constante motivação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre as implicações na atuação do professor no ensino da língua inglesa decorrentes da inserção da Internet em um contexto de aprendizagem onde se adota convergência entre ambientes de aprendizagem face-a-face tradicionais e ambientes de aprendizagem mediados por computador. Aborda-se, primeiramente, o perfil do professor na presença das tecnologias digitais. Apresenta-se a conceituação de *blended learning* e algumas das vantagens ao se adotar tal modelo. Discorre-se, a seguir, acerca da aplicação de *Webquests* no ensino e aprendizagem da língua inglesa, seguida de algumas considerações finais relativamente ao tema.

ABSTRACT

This paper aims to present the implications for the English teacher's performance when implementing the use of the Internet in a context where face-to-face classes are combined with the access of technology between classes. An outline of teachers' profile in this context is presented. It addresses then the concepts of *blended learning* followed by the implications for both teachers and learners in adopting this approach. Within this perspective, *Webquests* are presented as a possibility of effective use of technology in a language course, followed by some final considerations.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 O PROFESSOR NA PRESENÇA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS | 12 |
| 2.1 Perfil do profissional da educação na era digital | 14 |
| 2.1.1 Profissional reflexivo | 14 |
| 2.1.2 Profissional flexível | 14 |
| 2.1.3 Profissional agente de inovações | 15 |
| 2.1.4 Profissional sintonizado com o mundo real | 15 |
| 2.1.5 Profissional gerenciador de informações | 16 |
| 2.1.6 Professor mediador e catalisador | 17 |
| 3 O PROFESSOR DA LÍNGUA INGLESA E O USO DA INTERNET EM UMA ABORDAGEM <i>BLENDED</i> | 19 |
| 3.1 Conceito de Blended Learning | 20 |
| 3.2 O curso de Inglês em um contexto de Blended Learning | 22 |
| 3.3 Vantagens ao adotar a aprendizagem híbrida em um curso de inglês | 24 |
| 3.3.1 Motivação | 25 |
| 3.3.2 Colaboração | 26 |
| 3.3.3 Flexibilidade do processo de Avaliação | 27 |
| 3.3.4 Autonomia do aprendiz | 28 |
| 3.3.5 Desenvolvimento da escrita | 28 |
| 4 APLICAÇÃO DE <i>WEBQUESTS</i> EM UM CONTEXTO DE <i>BLENDED LEARNING</i> NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA | 30 |
| 4.1 O que é <i>WebQuest</i> | 30 |
| 4.2 Objetivos e benefícios da implementação de <i>WebQuests</i> | 31 |
| 4.3 Estrutura de uma <i>WebQuest</i> | 33 |
| 5 CONCLUSÃO | 36 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| ANEXOS | 42 |
| ANEXO A | 43 |
| ANEXO B | 44 |

1 INTRODUÇÃO

É fato a influência da tecnologia hoje em todas as áreas do conhecimento. Na Educação em especial, pois se considerarmos nesse universo todo de avanços tecnológicos, a Internet, veremos que a mesma é um meio de comunicação que une culturas tão diversas entre si, como uma única aldeia global. Transmitem-se acontecimentos quase que instantaneamente, possibilitando o acesso a informações geradas diariamente em todas as partes do mundo. Também é fato que o idioma que prevalece nessa aldeia virtualmente globalizada, ou seja, a linguagem da informação, é a língua inglesa.

Apresenta-se hoje, portanto, uma necessidade urgente do domínio da língua inglesa para aqueles que desejam buscar uma atualização constante, maior conhecimento, aprimoramento ou aprofundamento no estudo de qualquer área do conhecimento. A fim de atender a essa crescente demanda do aprendizado da língua inglesa, há um crescente número de instituições privadas especializadas no ensino deste idioma, bem como profissionais independentes que também se dedicam ao ensino do inglês.

Em decorrência dessa necessidade de permanente atualização, um número grande de pessoas, muitas vezes profissionais já atuantes no mercado de trabalho buscam alternativas aos métodos tradicionais de ensino de línguas. Alternativas eficazes que possam encaixar-se em meio a suas inúmeras atividades diárias e que façam uso de toda a tecnologia a que estão expostos.

Uma das opções que tem se observado cada vez mais freqüente, é o chamado *blended course*, curso semi-presencial. A proposta do curso semi-presencial consiste em aulas regulares com a presença de um professor, em meio a encontros virtuais, ou a atividades realizadas pelo aluno paralelamente às aulas presenciais, utilizando-se de ferramentas tecnológicas, tanto presencialmente, ou como uma extensão da aula, o que maximizaria o contato do aluno com o idioma alvo. Assim, parte do aprendizado, se realizaria de forma independente pelo aluno. Revela-se hoje uma necessidade, o fato do aprendiz manter uma postura mais independente para com seu aprendizado. Percebe-se, em decorrência disso, a

importância do aluno ser bem orientado a fim de ter uma participação ativa no processo de aprendizagem e tornar-se um aprendiz autônomo.

Em meio a esse cenário, encontra-se a figura do professor de inglês frente a essa demanda e todas as expectativas das instituições envolvidas, dos alunos e principalmente suas, com relação à utilização da tecnologia atual e seus benefícios.

Observa-se um entusiasmo crescente na utilização de recursos tecnológicos nas aulas, as quais contam com as seguintes características: grupos reduzidos ou alunos individuais, sendo que a grande maioria desses alunos já tenha a tecnologia e informática integrada no seu dia a dia. Sem contar que se trata de um público com invariável alto grau de motivação para com o aprendizado, parte desse público em decorrência de urgentes necessidades profissionais. Some-se a isso o fato dos educadores dominarem justamente a língua inglesa, o dito “idioma da informação”.

Pode-se, a princípio, julgar pelas características descritas acima considerar tal contexto como diferenciado, ou quiçá privilegiado ao se comparar com a realidade educacional prevalecente no cenário nacional. Privilegiado, a ponto da integração da tecnologia com fins pedagógicos dar-se de forma quase que natural. Entretanto, longe disso, o que se percebe é que muitas das mesmas questões sobre a integração tecnologia-pedagogia que se fazem aos educadores do ensino médio e superior, da rede pública ou particular, também se aplicam aos profissionais no contexto descrito acima.

Questiona-se, por exemplo, até que ponto este contexto aparentemente mais privilegiado habilita os educadores para o uso pedagógico das ferramentas tecnológicas. Qual a postura do professor de inglês para com essa tecnologia? Será o educador simples receptor e transmissor da informação disponibilizada na rede? Será que ele transmite essa atitude meramente receptora aos seus alunos?

O objetivo deste trabalho é justamente trazer à reflexão o papel do professor, mais especificamente da língua inglesa, em um contexto onde se aplica uma abordagem *blended*, ou seja, híbrida, semi-presencial, e como o acesso à tecnologia da Internet pode contribuir eficazmente para com o aprendizado do idioma. Entende-se por contribuição eficaz, como integrar tecnologias em sala de aula de forma a conduzir o aluno para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento de sua autonomia como aprendiz.

O Capítulo 1 apresenta um esboço do perfil do profissional da educação na era digital para, a seguir, no Capítulo 2, comentar-se mais especificamente acerca do professor da língua inglesa. Enfoca-se então o conceito, a aplicação do *Blended Learning* no ensino e aprendizagem do inglês e alguns de seus benefícios. Ao final, apresenta-se o modelo da *Webquest* como uma das possibilidades de uso eficaz da Internet no contexto educacional em questão, em uma abordagem *Blended*, seguida de algumas conclusões acerca do tema.

Compreende-se pelo termo tecnologia aqui empregado, recursos tecnológicos mais recentes, como Internet e também o uso do computador como meio de comunicação, como por exemplo, o uso de chats e e-mail.

2 O PROFESSOR NA PRESENÇA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Ao se deparar com a literatura especializada em educação e tecnologia, percebe-se haver um consenso com relação à mudança do papel do professor. Apenas para citar algumas das inúmeras denominações empregadas, o professor, no processo de ensino de hoje, deve ser consultor, articulador, orientador, especialista e facilitador.

Em meio ao intenso tráfego de informações na rede, renovadas constantemente e, teoricamente ao alcance de todos os incluídos digitalmente, o docente deixa de ser o único detentor do conhecimento e mero transmissor de informações. O educador desempenha o papel de gerenciador dessa complexa coleção de dados, e o aluno passa a ser o protagonista no processo de ensino-aprendizagem, no sentido em que as informações devam de alguma forma conectar-se com a realidade do mesmo, para que ganhem significados.

Na perspectiva transformadora de uso do computador na educação, a atuação do docente não se limita a fornecer informações aos alunos. Cabe a ele assumir a mediação das interações docente-aluno-computador, de modo que o aluno possa construir o seu conhecimento em um ambiente desafiador, em que o computador auxilie, promovendo o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da auto-estima do aluno.

O aluno deixa de ser o receptor de informações para tornar-se o responsável pela construção de seu conhecimento, usando o computador para buscar, selecionar, inter-relacionar informações significativas na exploração, reflexão, representação e depuração de suas próprias idéias, segundo seu estilo de pensamento. Professores(as) e alunos(as) desenvolvem ações em parceria, por meio da cooperação e da interação com o contexto, com o meio ambiente e com a cultura circundante. (SANTOS, B. e RADTKE, 2005. p.328)

Percebe-se assim ser fundamental a figura do professor de hoje no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, em face da nova realidade digital, o que implica numa atuação diferente da tradicional, exige-se do profissional da educação uma constante atualização. Não há como um professor, hoje, ignorar os novos recursos de informática. Esses recursos precisam ser incorporados como novas ferramentas de trabalho. Essa incorporação, porém, vai além do saber manuseá-las simplesmente. Saber utilizar um recurso tecnológico, não significa necessariamente saber fazer um bom uso pedagógico do mesmo.

Conforme o relatório final de um estudo do Comitê Nacional Americano de Educação¹ sobre o poder da Internet no aprendizado, apresentado em dezembro de 2000, verificou-se que 94% dos professores membros da Associação Nacional de Educação daquele país tinham facilidade com o uso da Internet, sendo que esse percentual atingia os 99% quando se tratava apenas de professores com idade inferior a 35 anos. Entretanto, constatou-se que a maioria, dois terços, não sabia como aplicar essas habilidades com fins pedagógicos, independentemente da faixa etária. O relatório ainda prossegue mencionando que era de se esperar que professores jovens, de uma geração cuja formação já tenha sido de alguma forma sofrido influência dos computadores e tecnologia, tivesse outro resultado. Entretanto, o estudo menciona outra pesquisa apenas com esses jovens profissionais e o que se verificou não foi isso. Constatou-se que as habilidades dos jovens docentes em aplicar a tecnologia com fins didáticos não foi diferente do resultado pouco promissor de seus colegas com mais idade.

Percebe-se assim, que habilidade e familiaridade na utilização da tecnologia não se traduz necessariamente na capacidade de usar a mesma como apoio pedagógico. Falta aos professores uma concepção clara do uso eficaz da Internet na sua área de atuação.

Uma das conclusões do referido estudo aponta a informática na educação como uma das prioridades no desenvolvimento profissional dos educadores. Ressalta ainda que se deve ir além do mero treinamento de habilidades básicas de informática ou de se automatizar antigas práticas de ensino. A tecnologia deve ser compreendida como uma ferramenta que pode oferecer soluções para o ensino-aprendizagem, assim como se deve passar a pensar com tecnologia a fim de abordar problemas antigos de novas maneiras.

O professor precisa aprender a recontextualizar o uso do computador, incorporando-o à sua vivência. Conforme explicam Santos e Radtke (2005), é necessário que o professor reconstrua um novo referencial pedagógico teórico-prático. Para tanto, deve integrar o computador às suas atividades pedagógicas, quando então ele mesmo, o educador, passará a construir novos conhecimentos, relacionar diferentes conteúdos. Segundo Papert (1994, apud SANTOS e RADTKE,

¹ The Power of the Internet for Learning. Final report of the Web-based Education Commission to the President and the Congress of the United States. EUA, Dez. 2000 p.40. Disponível em: <http://www.ed.gov/offices/AC/WBEC/FinalReport/Section1.pdf>

2005, p.335), “é necessário que os professores desenvolvam a habilidade de beneficiarem-se da presença dos computadores e de levarem este benefício para seus alunos”.

2.1 Perfil do profissional da educação na era digital

Ensinar hoje é muito mais que informar, é orientar, estimular, relacionar, confrontar visões, metodologias e resultados (Moran, 2006). É valorizar e saber lidar com o inesperado, decorrente das inúmeras associações, das novas conexões a cada novo link, é promover a autonomia do aluno. A seguir, destacam-se, além da necessária familiaridade com os recursos tecnológicos, algumas das características que se percebem importantes no perfil do profissional da educação nesse novo cenário educacional.

2.1.1 Profissional reflexivo

A fim de se adequar a uma realidade sob constante transformação, torna-se imprescindível que o professor adote uma postura reflexiva, o que envolve auto-observação, auto-análise, questionamento e experimentação. Como bem diz Perrenou (2002, p.44) “um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de formação inicial, nem ao que descobriu em seus primeiros anos de prática. Ele reexamina constantemente seus objetivos, seus procedimentos, suas evidências e saberes”.

2.1.2 Profissional flexível

O professor dessa nova realidade educativa deve saber lidar com a flexibilidade dos espaços e tempos individuais com os colaborativos grupais. Além

disso, deve acatar a imprevisibilidade no processo de ensino e aprendizagem com normalidade. Como bem aponta Lopes (2005, p.37), “através da interatividade, o aluno tem possibilidades de escolher suas trilhas”. Portanto, a interatividade, o não determinado e o imprevisto proporcionados pela Internet, fazem cair por terra a previsibilidade e o controle sobre o comportamento do aluno dos moldes tradicionais. Isso implica na necessidade do professor ser um profissional que tenha a flexibilidade necessária para acatar e incorporar tais interferências no processo de aprendizagem, sem que isso resulte na perda do foco, do rumo proposto pelo curso.

2.1.3 Profissional agente de inovações

Conforme argumenta Kenski (2001), é papel estrutural do docente “auxiliar na compreensão, utilização, aplicação e avaliação crítica das inovações surgidas em todas épocas”. O professor de hoje deve ser capaz de modificar e realmente inovar o processo de ensino e aprendizagem com os avanços trazidos pela informática. Não um profissional que simplesmente utilize as tecnologias para meramente ilustrar o que vinha fazendo na forma tradicional, ou seja, aquele professor, mero transmissor que simplesmente passe a transmitir informações agora com o auxílio da multimídia. É de extrema importância que o professor promova a construção de conhecimento junto aos seus alunos utilizando-se dos recursos tecnológicos. Argumento defendido por Valente (2002), segundo ele “o ciclo que se estabelece na interação aprendiz-computador pode ser mais efetivo se mediado por um agente de aprendizagem ou professor que saiba o significado do processo de aprender por intermédio da construção do conhecimento”.

2.1.4 Profissional sintonizado com o mundo real

Além das necessárias credenciais acadêmicas, o educador no ambiente on-line deve ter uma experiência de vida e uma postura que o permita estar em

constante sintonia com o mundo real. Percebe-se que há professores que apenas “transmitem” o conteúdo, as informações na base da teoria, não as correlacionam com o que realmente acontece no mundo lá fora. Ora, hoje conteúdo e informações já estão fartamente disponíveis na rede. Entretanto, informação descontextualizada é informação inútil. Basta se conectar na rede para ter acesso a um mar de informações, mas esse excesso de dados não implica necessariamente em qualidade, profundidade, e em última análise, não se traduz em conhecimento. Dessa forma, conhecimento atualizado das práticas aplicadas na área em questão é fundamental para um aprendizado com significado. Aprender é construir conhecimento em cima de informações significativas. Elas se tornam significativas quando o aprendente incorpora a real significação que essa informação tem pra ele, vivencialmente, emocionalmente, ou seja, quando fizer parte de seu contexto pessoal (MORAN, 2006).

2.1.5 Profissional gerenciador de informações

O papel do professor é ajudar o aluno a lidar com essa grande quantidade de dados disponível na rede, analisá-los criticamente, interpretá-los, relacioná-los, verificar coincidências e divergências, contextualizá-los. Auxiliar o aluno a aprender a separar o que é essencial, a refletir sobre a relevância de um conteúdo, é um dos desafios do professor ao se utilizar a Internet como fonte de informações. A tendência é que os alunos tenham sua atenção direcionada apenas para páginas com bom apelo visual ou de sons. Tal atitude implica muitas vezes em descarte de material de bom conteúdo em virtude de sua pouco atraente apresentação, em termos visuais. Isso é em parte decorrente da falta de aprofundamento das informações extremamente sintéticas e empacotadas a que os educandos estão expostos no dia a dia. O professor deve enfatizar a importância e incutir nos seus alunos a capacidade de questionar, desenvolver análise crítica, refletir sobre a acuidade e relevância das informações.

Segundo Almeida (2005), que defende o denominado “letramento digital”, o fato de um indivíduo ter acesso à tecnologia de informação e comunicação e saber

utilizar seus recursos, não implica tratar-se necessariamente de um usuário crítico, pode ser o caso de um mero consumidor passivo. Para a autora este consumidor passivo “está para a inclusão digital de forma semelhante à alfabetização no sentido de identificação das letras”. Ressalta, ainda, a importância de se promover a “fluência tecnológica”, que é atribuir significados às informações, aos dados, aos gráficos e imagens, é a utilização crítica da tecnologia o que resultaria em uma aprendizagem significativa, autônoma e contínua.

“Tomar como referência as idéias de Paulo Freire sobre alfabetização como leitura da palavra por meio da leitura do mundo conduz a conceituar letramento digital como o domínio e uso da tecnologia de informação e comunicação para propiciar ao cidadão a produção crítica de conhecimento, com competência para o exercício da cidadania e para inserir-se criticamente no mundo digital como leitor ativo, produtor e emissor de informações. Nessa perspectiva, o letramento digital cria condições que favorecem a inclusão crítico-social e o desenvolvimento de uma fluência tecnológica que permite conectar a educação libertadora com as demandas do mundo do trabalho”.(ALMEIDA, 2005)

Seguindo o raciocínio da autora, deve-se ir além da mera instrumentalização e passividade na recepção das informações, mas sim promover nos usuários ações que lhes permitam desenvolver criticamente a “fluência tecnológica” para que possam atuar na vida e na profissão. “Exclusão digital não é ficar sem computador ou telefone celular. É continuarmos incapazes de pensar, de criar e de organizar novas formas – mais justas e dinâmicas – de produção e distribuição de riqueza simbólica e material” (SCHWARTZ, 2002 apud ALMEIDA, 2005, p176).

2.1.6 Professor mediador e catalisador

Mediar é “colocar-se como ponte, como elo de ligação entre os alunos e o processo de aprendizagem e de colaboração. Por outro lado, mediar é também ouvir, negociar, equilibrar, ajustar” (SIMÃO NETO, 2002, p.65). O professor mediador envolve-se com a maneira que seus alunos estão aprendendo. É justamente esse envolvimento que vai permitir com que o professor reavalie metas quando necessário, sugira alternativas e faça os devidos ajustes para que processo de aprendizagem possa evoluir para novos estágios. Ainda segundo Simão Neto

(2002, p.66), além de mediador o professor deveria atuar como catalisador. O autor explica que nas reações químicas o catalisador tem a função de fazer com que a reação ocorra melhor. Aplicando-se esse princípio na relação ensino-aprendizagem de hoje, o professor catalisador, além de mediar e facilitar, questiona, problematiza, incentiva a reflexão e o trabalho construtivo. Lopes (2005) ratifica tal afirmação:

A sua autoridade não se estabelece de forma unilateral. A nova postura concentra-se no condutor de caminhos, aquele que não dá a palavra final, mas permite e estimula a contrapalavra. Como portador de saberes que continuamente são desconstruídos, não reconhece sua autoridade na imposição do que sabe, pelo contrário, sua presença é marcante porque possui a maestria de provocar discussões, dúvidas e acenar a possibilidade da existência de vários caminhos a serem percorridos. (LOPES, 2005, p.39).

3 O PROFESSOR DA LÍNGUA INGLESA E O USO DA INTERNET EM UMA ABORDAGEM *BLENDED*

O professor da língua inglesa em instituições privadas ou profissional independente, como qualquer outro educador, sente o impacto das inovações tecnológicas. Tem-se, hoje, a percepção de que podemos aprender de vários lugares, ao mesmo tempo, juntos e separados, conectados em rede ou não. Entretanto, observa-se que a informática, também neste contexto, apesar do crescente entusiasmo e boas intenções dos educadores, tem sido subutilizada no processo pedagógico. Subutilizada no sentido de que nem sempre sua aplicação promove os resultados pedagógicos desejados. Ainda há muito a aprender como explorar seu potencial de forma que ocorra a tão almejada aprendizagem significativa.

O fato é que a Internet é uma fonte inesgotável de material, em especial para o aprendizado da língua inglesa. Qualquer publicação disponibilizada na Internet neste idioma, que é o prevalecente na rede, pode tornar-se conteúdo de interesse quando contextualizado com a realidade dos alunos. Entretanto, a tecnologia sozinha, a riqueza de estímulos e recursos não geram, necessariamente, aulas mais participativas ou mais interação entre professores e alunos, ou seja, não é garantia de aprendizado significativo o que conduziria à construção do conhecimento. A tecnologia nesse caso é apenas uma extensão do modelo tradicional, “sozinha não garante a comunicação de duas vias, a participação real” (MORAN, 2006). Por outro lado, práticas pedagógicas tradicionais de ontem também não são suficientes para atingir esse objetivo.

A questão chave é a integração da tecnologia disponível de hoje com uma prática pedagógica que favoreça uma aprendizagem significativa. Para alcançar essa integração de forma eficaz, a solução parece ser a combinação do melhor das estratégias pedagógicas aplicadas no contexto presencial com o melhor que a aprendizagem via Internet pode oferecer em termos pedagógicos. Tal combinação resulta no chamado *blended learning*.

O presente capítulo concentra-se em discorrer sobre aspectos conceituais acerca do aprendizado *Blended* e, a seguir, sobre algumas implicações e vantagens

da aplicação de uma abordagem híbrida no ensino e aprendizagem da língua inglesa.

3.1 Conceito de *Blended Learning*

Blended Learning é uma combinação de ensino tradicional presencial com aprendizagem via Internet de forma que a aprendizagem ocorra tanto em sala de aula quanto no ambiente da rede, e onde o componente on-line seja uma extensão natural do ensino no ambiente físico da sala de aula.

O vocábulo em inglês *blend* pode ser traduzido como mistura, combinação, portanto, *blended learning* quer dizer aprendizado misturado, combinado. O termo *blended learning* pode ser aplicado a uma ampla variedade de situações de ensino e aprendizagem. No presente trabalho, entende-se como a convergência entre ambientes de aprendizagem face-a-face tradicionais e ambientes de aprendizagem mediados por computador².

Segundo Laurillard (1996 apud CHEERS, 2002) há vantagens tanto nos ambientes presenciais quanto nos ambientes on-line, mas uma combinação de métodos de ensino e aprendizagem sempre será mais eficiente, pois somente assim é possível abranger as atividades de discussão, interação, adaptação e reflexão, elementos essenciais em um aprendizado acadêmico.

Para Moran (2006), “a educação presencial está incorporando tecnologias, funções, atividades que eram típicas da educação a distância, e a EaD está descobrindo que pode ensinar de forma menos individualista, mantendo um equilíbrio entre a flexibilidade e a interação”.

Segundo explica Maria Elizabeth Almeida (2003), **educação on-line** e **e-learning** consistem em uma modalidade de educação a distância realizada via internet, cuja comunicação ocorre de forma síncrona ou assíncrona. Esta modalidade “baseia-se tanto na noção de distância física entre o aluno e o professor como na flexibilidade do tempo e na localização do aluno em qualquer espaço”. Conforme Almeida, o **e-learning**, originado no meio corporativo devido a

² Disponível em <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/grupo/blendedlearningcontent.html>>

necessidades de treinamento de funcionários, vai além da disponibilização de recursos didáticos hipermediáticos. Esta modalidade incorpora práticas voltadas ao desenvolvimento de competências por meio da interação e colaboração entre os aprendizes. Com relação ao *blended learning*, prossegue a autora:

“Autores que se dedicam a estudar EaD, principalmente no setor corporativo, indicam o **blended learning** como uma tendência potencial da EaD, apontando para a capacidade de um mesmo sistema integrar diferentes tecnologias e metodologias de aprendizagem com o intuito de atender necessidades e possibilidades das organizações, considerar as condições de aprendizagem dos aprendizes visando potencializar a aprendizagem e o alcance dos objetivos. Também denominado **e-Learning híbrido**, pode englobar auto-formação assíncronas, interações síncronas em ambientes virtuais, encontros ou aulas e conferências presenciais, outras dinâmicas usuais de aprendizagem e diversos meios de suporte à formação, tanto digitais como outros mais convencionais”.(ALMEIDA, 2003, grifo nosso)

Há, entretanto, críticas com relação ao uso dessa denominação, para Don Morrisson (2003), o termo *blended learning* é muito vago, levando-a a questionar: Mistura de quê? Quais os ingredientes a serem utilizados e quando? A mesma prossegue preferindo denominar tal abordagem como “uso estratégico de canais de aprendizagem”, exemplificando tais “canais” o próprio ambiente físico da sala de aula, a sala virtual, e-mail, o telefone, colaboração on-line, plataformas educativas, a orientação presencial ou virtual.

De uma certa forma, percebe-se muito abrangente a expressão *blended learning*, o que pode dar margens a uma certa superficialidade. Há que se considerar, entretanto, que esse termo retrata uma tendência na educação de hoje em que se abarcam inúmeras possibilidades de estratégias de ensino. A questão é saber reconhecer as melhores estratégias que se aplicam àquela determinada situação, tanto no ambiente presencial como quando ao estender a aula no ambiente virtual. É a integração do que o melhor dos dois ambientes pode oferecer visando resultados pedagógicos específicos. Dessa forma, a questão deixou de ser se deveríamos ou não aderir a uma abordagem mista, mas sim quais os ingredientes a combinar. Percebe-se, portanto, a crescente importância do papel do professor nesse contexto, ao selecionar a melhor combinação de estratégias de aprendizagem.

3.2 O curso de Inglês em um contexto de Blended Learning

A adoção de uma abordagem *blended* e suas inúmeras possibilidades e variações pode ser a resposta para a constante preocupação do professor de inglês que permanentemente, como qualquer outro profissional da educação, se questiona acerca das melhores ferramentas e métodos para proporcionar a seus alunos aulas mais envolventes, produtivas e motivadoras. Essa abordagem não é garantia de qualidade, mas amplia imensamente as condições de aprender e atualizar-se, permitindo novas formas de pesquisa e comunicação não presenciais, auxiliando na renovação da forma de dar aula, de fazer pesquisa, intercâmbio, de relacionar-se dentro e fora da sala de aula.

Cheers e Towndrow (2002)³ argumentam que uma bem sucedida integração da Internet no processo de aprendizagem da língua inglesa vai além do que apenas incrementar as oportunidades de prática do idioma. Os autores traçam as seguintes observações:

- As interações on-line devem ter um propósito claro. Os alunos devem ser expostos a inúmeras oportunidades para reflexão e interação entre os integrantes do grupo. Entretanto, para que haja ganhos e a discussão on-line não desvie do tema proposto, o professor deve estabelecer claramente o objetivo de tal interação.
- Deve-se minimizar o tempo de fala do professor da língua inglesa. Observação essa que vale tanto para o contexto presencial quanto para o on-line. O aluno deve ser incentivado a usar a língua estrangeira ao máximo, devendo o professor atuar como facilitador. Isso não implica, entretanto, em uma diminuição de orientação por parte do professor em um ambiente on-line. Da mesma forma que no contexto presencial, faz-se necessário expor aos alunos claramente os objetivos das atividades para prover os mesmos de uma estrutura onde possam desenvolver seus conhecimentos.

³ CHEERS, Chris; TOWNDROW, Dr. Phillip. Blended Language Learning. **Learners Together**. Singapore, Set. 2002. Disponível em: <<http://www.learnerstogether.net/PDF/Blended-Language-Learning.pdf>>

- As tarefas e atividades devem ser bem planejadas e avaliadas apropriadamente a fim de produzirem melhores resultados. Antes de tudo, deve-se propor temas para discussão que sejam envolventes e que de alguma forma tenham conexão com a realidade dos alunos. As tarefas precisam ser estruturadas com etapas claras, e com resultados a serem produzidos ao final de cada uma delas.

Cheers e Towndrow (2002) ressaltam o *Problem-Based Learning* (PBL)⁴ como um método que oferece aos alunos amplas oportunidades de desenvolver o idioma e habilidades de comunicação. Além de incentivar o estudo individual de acordo com os interesses e o ritmo de cada estudante, a aplicação do PBL promove o desenvolvimento da habilidade de trabalhar em grupo. O professor não "ensina" da maneira tradicional, mas facilita a discussão dos alunos, conduzindo-a quando necessário e indicando os recursos didáticos úteis para cada situação. O aprendizado passa a ser centrado no aluno, que deixa de desempenhar um papel de receptor passivo, e passa a ser agente e principal responsável pelo seu aprendizado. Através da aplicação desse sistema, os alunos são levados a: analisar problemas, sugerir idéias, identificar tópicos de aprendizagem, trabalhar e colaborar com a equipe e apresentar resultados e descobertas. Os autores demonstram a adoção do PBL em uma abordagem *blended* conforme tabela abaixo:

| | |
|-------------------------------|--|
| 1. Encontro presencial | a. Ler um estudo de caso b. analisar e definir o problema c. gerar perguntas e tópicos de aprendizado d. designar tarefas de pesquisa |
| 2. On-line | a. conduzir as pesquisas b. compartilhar resultados c. propor e justificar soluções d. redigir um relatório com os resultados |
| 3. Encontro presencial | a. apresentação de soluções com relatório escrito |

Quadro 1 Sugestão de seqüência para uma abordagem *blended* de PBL

Portanto, para que haja realmente construção do conhecimento, os alunos devem ser participantes ativos no processo de aprendizagem, e não passivos

⁴ Problem-Based Learning (PBL) – Aprendizado Baseado em Problemas Disponível em: <<http://meds.queensu.ca/pbl/home>>

receptores. Repetir ou memorizar diálogos prontos, ou lista de vocabulários descontextualizados, não contribuem muito para promover aprendizado significativo.

Dennie Hoopingarner (2007) também ressalta que o aprendizado é um processo ativo e parte do processo é organizar as informações, e defende que há estudos que indicam que a criação de atividades e exercícios por parte dos alunos conduz a um melhor aprendizado, do que a resolução dos mesmos. A autora ressalta a quantidade considerável de tempo que os professores que já fazem uso de recursos tecnológicos dedicam à preparação de exercícios. Exercícios esses que muitas vezes os alunos resolvem em questão de minutos, por justamente não passar de tentativas de acerto e erro, o que, apesar do caráter lúdico e intenção de consolidação do conteúdo visto, não acrescentam muito em termos de conhecimento. Dessa forma, conforme defende Hoopingarner (2007), os alunos devem ter participação ativa inclusive na produção das atividades a serem aplicadas.

3.3 Vantagens ao adotar a aprendizagem híbrida em um curso de inglês

Percebe-se uma série de benefícios ao se adotar com equilíbrio a combinação das aulas presenciais com atividades via internet. Potencializa-se o processo de aprendizagem, tornando-se este mais interessante e dinâmico para alunos e professores.

Um dos grandes benefícios dos recursos on-line é a facilidade de acesso, onde quer que haja um computador e uma conexão disponível. Essa acessibilidade ao conteúdo e recursos abre inúmeras possibilidades de novas idéias, atividades e informações às pessoas independentemente de onde estejam situadas. Seguem algumas das diversas vantagens ao se adotar um contexto de *e-learning* híbrido em um curso de inglês.

3.3.1 Motivação

As possibilidades de mudanças de estilo de abordagem inerentes ao ensino *blended* são estimulantes. O fato do professor aliar às práticas tradicionais o uso de recursos tecnológicos, geram vários fatores de cunho motivacional para os alunos. Fatores como a possibilidade de feedback imediato, adaptação a ritmos diferentes, acesso a temas e questões autênticos, conciliação do interesse pessoal do aluno e o da matéria, abordagem de temas atualizados dentre outros.

A simples possibilidade de **feedback imediato** ao final de algumas atividades desenvolvidas on-line ou por CD-Roms, é mencionada por Sharma e Barret (2007), como um aspecto motivador para o aluno. Os mesmos alertam, todavia, para o uso exagerado de atividades de acerto e erro que nem sempre contribuem para um aprendizado significativo do idioma, mas auxiliam na consolidação de vocabulário e estruturas gramaticais.

Outro aspecto da abordagem *blended* que contribui para o aumento de motivação, conforme ressaltam Sharma e Barret (2007), é o fato desse modelo permitir a **adaptação a ritmos diferentes**. Ao desenvolver uma atividade on-line, em atividades assíncronas, mesmo que orientada pelo professor, o aluno já se sente um pouco mais autônomo com relação ao seu aprendizado pelo simples fato de ser ele quem vai determinar o ritmo do desenvolvimento daquela tarefa específica. No ambiente on-line, ele é quem decide, por exemplo, quando e quantas vezes é necessário ouvir um clip de áudio, ou como ele vai desenvolver a leitura de um texto, ou explorar o conteúdo de um *site*, linear ou não-linearmente.

A Internet é a porta de entrada da sala de aula para **temas e questões autênticos**. Deixa-se o ambiente teórico, laboratorial, para se trabalhar o idioma com assuntos que fazem parte da pauta do dia, tanto em nível local, quanto global⁵. Essa possibilidade de acessar material de cunho autêntico, muitas vezes conciliando o interesse pessoal e o da matéria, conforme a habilidade e sensibilidade do professor, contribui fortemente para a motivação do aprendiz.

⁵ The Power of the Internet for Learning. **Final report of the Web-based Education Commission to the President and the Congress of the United States**. EUA, Dez. 2000. Disponível em: <<http://www.ed.gov/offices/AC/WBEC/FinalReport/Section1.pdf>>

3.3.2 Colaboração

Em uma abordagem *blended*, o aluno desenvolve a aprendizagem colaborativa, a pesquisa em grupo, a troca de resultados. Segundo Simão Neto (2002), um ambiente interativo fornece as ferramentas e recursos necessários para que haja um engajamento mútuo dos participantes, alunos e professores, visando a construção de conhecimento.

Moura (2002) ratifica tal afirmação ao mencionar o trabalho cooperativo, colaborativo e interativo como fatores que possibilitam obter resultados positivos na produção desse conhecimento. Menciona o trabalho cooperativo, em grupos, onde todos participam e contribuem de forma conjunta, por exemplo, através do Chat ou a utilização de NetMeeting com o compartilhamento de arquivos. Exemplifica a faceta colaborativa através da troca de materiais encontrados, por lista de discussão ou e-mail, onde individualmente, cada integrante do grupo dá sua contribuição. Quanto ao aspecto interativo, afirma que o trabalho integrado resulta em aprendizado com significado para todos.

Segundo Stela C. Bertholo Piconez (2005), os ambientes interativos de aprendizagem, transformam o modo de pensar e de compartilhar informações, desenvolvem maiores opções de cooperação e de colaboração, pois motivam os alunos a exercerem sua “autonomia quando levados a interrogar-se sobre a seleção de conteúdos e/ou informações pesquisadas e também sobre as melhores estratégias para se comunicar com o outro, privilegiando e aprimorando a própria comunicação, essencial na construção de conhecimentos”. Prossegue a autora argumentando que “a velocidade com que ocorre a socialização do pensamento e das idéias do aluno, o contato com idéias diversificadas, a sincronia de interação por chats ou fóruns têm conseqüências para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da própria democracia (convivência com as diferenças) e do trabalho cooperativo”.

Entretanto, conforme Simão Neto (2002) alerta, apesar de haver muitas propostas educacionais como pertencentes a esse modelo, o que se observa em vários casos, na prática, é que os ambientes de aprendizagens virtuais são utilizados pelos professores apenas para mandar recados, passar tarefas e receber trabalhos (escaninho eletrônico).

3.3.3 Flexibilidade do processo de Avaliação

Moran (2006)⁶ cita três possibilidades básicas de enfoque da avaliação em cursos que adotam o *blended learning*: o enfoque na “pesquisa, na comunicação e na produção-publicação”. O professor pode planejar a avaliação com base nas pesquisas individuais ou em grupo, acerca de temas, projetos e textos. No âmbito da comunicação, avalia-se a qualidade da participação do aluno no ambiente virtual através dos fóruns, *chats* e *blogs*, debates *off* e *on-line* sobre os temas e experiências pesquisados. No campo da produção, os resultados, as descobertas são divulgadas on-line, para que todos possam compartilhá-las. Aliás, o autor enfatiza a questão da publicação como fator de grande importância no momento da conclusão dos trabalhos. Inclusive sugere a criação de *blogs*, pois assim preserva-se a individualidade do aluno-autor e facilita a inserção de comentários dos colegas a respeito do de suas conclusões. Moran (2006) ressalta o fato de que em uma abordagem de aprendizagem híbrida, em que se privilegia a flexibilidade e comunicação, a avaliação, como fator integrante do processo de aprendizagem, pode ser combinada, negociada com os alunos.

Em um contexto de aprendizagem da língua inglesa, todas as habilidades lingüísticas podem ser avaliadas utilizando-se o enfoque acima descrito. O professor pode previamente indicar textos, questionários, solicitar resenhas, pesquisas e colocar as questões para debate tanto nos encontros presenciais quanto via Internet. Com uma pesquisa prévia e produção escrita ou oral, já se podem avaliar a capacidade de leitura, as habilidades oral e escrita do aluno. A compreensão auditiva, além de ser avaliada nos encontros presenciais, pode ser verificada através de recursos como *podcasts*, arquivos de áudio.

Conclui-se que os princípios de avaliação não diferem dos cursos presenciais, o que muda é a flexibilidade de aplicação proporcionada por este modelo e a forma de planejá-los com os recursos tecnológicos adequados. Entretanto, conforme enfatiza Moran (2006), a avaliação deve deixar de focar a

⁶ MORAN, José. O que aprendi sobre avaliação em cursos semi-presenciais. In: SILVA, Marcos & SANTOS, Edméa. **Avaliação da Aprendizagem em Educação On-line**. São Paulo, Loyola, 2006. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/aprendi.htm>>

retenção de conteúdo, para de forma continuada focar o processo de aprendizagem, a construção coletiva do conhecimento.

3.3.4 Autonomia do aprendiz

Trazendo a questão da autonomia do aprendiz para um contexto onde se adota o *blended learning* no aprendizado da língua inglesa, percebe-se que este modelo pode fazer contribuir fortemente para com este aspecto.

O simples fato de se adotar a variação das estratégias de aprendizagem no ambiente presencial e permitir que o aprendizado se expanda para além da sala de aula, já acarreta no aluno uma certa autonomia. Conforme já exposto e enfatizado por Sharma e Barret (2007), o aprendiz passa a ter autonomia para adaptar o aprendizado a suas possibilidades o que favorece o fator motivacional.

Moran (2006) destaca a flexibilidade e a comunicação como características básicas do *e-learning* híbrido. A comunicação entre as partes envolvidas, tanto on-line quanto presencialmente, permite uma negociação, uma personalização de vários aspectos do processo de aprendizagem, inclusive, como já mencionado, a questão da avaliação. A possibilidade de falar e ser ouvido, de poder registrar e compartilhar suas necessidades, reflexões e expectativas implica, conseqüentemente, numa tomada de maior responsabilidade para com seu próprio aprendizado.

3.3.5 Desenvolvimento da escrita

Uma das características de uma abordagem *blended* é a intensificação da comunicação entre os integrantes do grupo, tanto o ambiente presencial quanto no on-line, pois se trata de um modelo cooperativo e colaborativo de aprendizagem. No ambiente on-line, grande parte desta comunicação se faz via escrita através de fóruns de discussão, troca de e-mails, chats, dentre outros. Como conseqüência disso, a escrita é muito utilizada e valorizada. Muitas vezes é uma escrita

hipertextual, multilingüística, com texto e imagem, entretanto, a possibilidade de maior visibilidade dos textos escritos gera maior responsabilidade por parte de professores e alunos (MORAN, 2006). Ao se divulgar as descobertas, os resultados após a conclusão de uma atividade ou de uma pesquisa, e havendo a divulgação desse material via on-line, percebe-se haver um esforço maior com relação à qualidade da redação, principalmente no que tange à clareza e precisão do texto.

4 APLICAÇÃO DE *WEBQUESTS* EM UM CONTEXTO DE BLENDED LEARNING NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

No contexto educacional, em uma realidade em que a tecnologia é onipresente, faz-se necessário aliar-se a ela e dela extrair o que há de melhor. Para o professor isso significa optar por alguns recursos que levem seus alunos a realmente produzir conhecimento. Uma das alternativas que têm apresentado bons resultados neste sentido é a aplicação de *Webquests* (WQ's), tema focado a seguir.

4.1 O que é *Webquest*

A *Webquest* (WQ) consiste em uma atividade temática, estruturada pelo professor, o qual propõe uma problemática para ser solucionada pelos alunos, normalmente organizados em grupos, os quais farão uso dos recursos oferecidos pela Internet a fim de buscar a solução para o desafio proposto.

“*Webquest* é uma metodologia de pesquisa na Internet, voltada para o processo educacional, estimulando a pesquisa e o pensamento crítico”, ou ainda, é uma proposta que visa “organizar estudos investigativos contando com recursos existentes na Internet”⁷.

O termo “quest” significa busca, procura, expedição, jornada. O conceito de *Webquest* foi criado em 1995 por Bernie Dodge da *San Diego University*. Segundo ele, “*Webquest* é uma investigação orientada na qual algumas ou todas as informações com as quais os aprendizes interagem são originadas de recursos da Internet, opcionalmente suplementadas com videoconferências”⁸.

Dodge (1995) propõe duas modalidades de aplicação, as *Webquests* curtas e as de longa duração. As WQ's curtas consistem naquelas elaboradas para

⁷ *Webquest*, aprendendo na Internet. Projeto WebQuest - Escola do Futuro da USP, Universidade de São Paulo - Cidade Universitária. Disponível em: <<http://www.webquest.futuro.usp.br/>>

⁸ DODGE, B. Uma Técnica para Aprendizagem na rede Internet. Tradução de Jarbas Novelino Barato. Título original: *WebQuests: A Technique for Internet – Based Learning*. *The Distance Educator*, V.1, nº 2, 1995. Disponível em:<<http://www.webquest.futuro.usp.br/>>.

serem completadas em menos de três aulas. Nessa modalidade o objetivo pedagógico é a “aquisição e integração do conhecimento”, pressupõe-se que o aluno entre em contato com um número significativo de informações, as quais serão por ele organizadas a fim de que façam sentido.

As *Webquests* longas, por sua vez, “compreendem a ampliação e refinamento do conhecimento”. De acordo com Dodge (1995) esta modalidade de WQ “requer as seguintes habilidades de pensamento: comparar, classificar, induzir, deduzir, construir apoio, abstrair e analisar perspectivas. Ao final de uma WQ longa, portanto, o aluno terá “analisado profundamente um corpo de conhecimento, transformando-o de alguma maneira”, demonstrará compreensão com a produção de algo novo sobre as informações acessadas. Como última etapa da atividade, sua produção final será publicada *on-line* a fim de ser compartilhada com os demais colegas.

As *Webquests* podem ser elaboradas para diferentes níveis de aprendizagem, e sua aplicação aproxima os alunos de materiais autênticos, de forma contextualizada, diferentemente do que normalmente ocorre com os materiais didáticos.

O professor tem papel importante, e, como idealizador da WQ, deve ter domínio sobre aquela área de conhecimento, pois é quem escolhe o tema, planeja as tarefas, propõe os problemas. Como tutor, é quem acompanha e dá apoio às buscas dos alunos.

4.2 Objetivos e benefícios da implementação de WebQuests

A adoção das WQ's é um meio de aliar, eficazmente, objetivos educacionais ao uso dos recursos da Internet no processo de aprendizagem. O Projeto WebQuest da Escola do Futuro da USP⁹ elenca os seguintes itens como objetivos a serem alcançados com a aplicação de Webquests:

- Modernizar modos de fazer educação

⁹ Webquest, aprendendo na Internet. Projeto WebQuest - Escola do Futuro da USP, Universidade de São Paulo - Cidade Universitária. Disponível em: <<http://www.webquest.futuro.usp.br/>>

- Garantir acesso a informações autênticas e atualizadas
- Promover aprendizagem cooperativa
- Desenvolver habilidades cognitivas
- Incentivar criatividade
- Favorecer o trabalho de autoria dos professores
- Favorecer o compartilhar de saberes pedagógicos
- Transformar ativamente informações, em vez de apenas reproduzi-las

Com relação a “transformar ativamente informações”, percebe-se que o modelo *Webquest* não foca conteúdos, não visa retenção ou reprodução de informações. Objetiva, contudo, sob uma postura crítica, a compreensão e organização das informações acessadas, tendo em vista uma meta, ou seja, a solução do problema proposto. Conforme esclarece Dodge (1995), pelo fato dos alunos normalmente não terem sido expostos a situações como essa, em que deixam de ser meros receptores passivos de informação, os mesmos precisam de um suporte inicial do professor pra fazerem uso de práticas como: comparação de materiais, como textos, informações em geral, identificação de padrões em diversos objetos de estudo, raciocínio lógico, tomada de decisões e a prática de *brainstorming*, expressão da língua inglesa que, em uma tradução livre, pode ser entendida como geração de várias idéias de um grupo de pessoas visando a solução de um problema.

Webquest é uma prática reconhecida como eficaz e incentivada no contexto educacional americano. Conforme descreve o relatório final do estudo do Comitê Nacional Americano de Educação¹⁰ sobre o poder da Internet no aprendizado, os alunos submetidos a WQ's tendem a desenvolver as seguintes habilidades:

- Descobrir, reconhecer e avaliar conteúdo;
- Comunicar-se com um leque maior de pessoas. Com o objetivo de buscar auxílio no desenvolvimento da tarefa, os alunos podem entrar em

¹⁰ The Power of the Internet for Learning. Final report of the Web-based Education Commission to the President and the Congress of the United States. EUA, Dez. 2000 p.40. Disponível em: <<http://www.ed.gov/offices/AC/WBEC/FinalReport/Section1.pdf>>

contato com instituições para pedir informações, até mesmo com especialistas da área sob enfoque, ou inclusive com outros aprendizes de outra parte do mundo;

- Analisar as informações com uma postura crítica, pesar diferentes perspectivas e chegar às suas próprias conclusões;
- Solucionar problemas ou gerar novas idéias baseadas em suas pesquisas;
- Desenvolver uma consciência cultural. Através da pesquisa os alunos vão além dos estereótipos, o que conduz a uma compreensão de similaridades e diferenças culturais entre diferentes regiões do planeta ou até mesmo de seu próprio país.

4.3 Estrutura da *Webquest*

Desde que Bernie Dodge concebeu o conceito de *Webquests* em 1995, ele o fez propondo uma estrutura lógica baseada nos seguintes elementos básicos (vide exemplos de *Webquests* nos Anexos A e B):

Introdução - etapa inicial que vai preparar o cenário, é o início da contextualização, apresentação do tema.

Tarefa - esta é a etapa em que o problema será proposto, e deve ser apresentado de forma clara. A atividade deve ser interessante e exequível, além de real, atual e coerente.

Processo – é descrição do processo passo a passo, é quando cada etapa do desenvolvimento da atividade será explicado. É de fundamental importância a clareza desta descrição.

Recursos – muitas vezes podem estar embutidos na própria descrição do processo. Nesta fase o professor faz indicações de *sites* que gostaria que fossem explorados. Mesmo sabendo que os alunos buscarão outras fontes de informação, o que é

saudável e é um dos objetivos da WQ, é importante que o professor oriente os alunos na indicação de sites de credibilidade e ricos de informações.

Conclusão – na etapa final deve estar claramente exposto o que os alunos terão conquistado em termos de ganhos pedagógicos, é o que terão aprendido após terem completado a *Webquest*. No caso de alunos de inglês, pode ser o aprendizado e prática de um vocabulário específico, ou a prática de algum ponto gramatical, técnicas de apresentação oral, apenas para citar alguns exemplos.

Há autores como Sharma e Barret (2007) que acrescentam mais um elemento à estrutura básica, a avaliação. É importante deixar claro o que será avaliado no decorrer da execução da *Webquest*.

Dudeny e Hockly (2002?)¹¹, destacam o fato de que durante a prática de uma *Webquest*, principalmente as mais longas, deve-se ter especial cuidado em manter os alunos permanentemente conscientes dos objetivos da atividade, em que etapa estão no processo, por que estão fazendo aquilo, e principalmente, consciente dos resultados que terão no seu aprendizado após a conclusão da tarefa. Sugerem ainda, após conclusão da tarefa, submeter os alunos a refletir sobre a atividade propondo-lhes as seguintes questões:

- Como foi minha contribuição para com o grupo?
- O que aprendi sobre os tópicos apresentados?
- Como meu inglês melhorou ao realizar este projeto?
- O que aprendi sobre novos recursos na Internet, como recursos de busca, *sites* interessantes?

Segundo o criador do conceito da *Webquest*, Bernie Dodge¹², A criação de uma WQ tecnologicamente é muito simples, não exige softwares específicos além

¹¹ DUDENEY Gavin; HOCKLY, Nicky. WebQuests. British Council, Londres, 2002?
Disponível em: <<http://www.teachingenglish.org.uk/think/resources/webquest.shtm>>

¹² DODGE, Bernie. 2007. Creating WebQuests. Disponível em: <<http://webquest.org/index-create.php>>

dos utilizados comumente para produzir páginas, textos e imagens. O único requisito é que seja um documento com *hyperlinks*, portanto, pode ser criada no *Word*, *Powerpoint* e até mesmo no *Excel*. Entretanto, ressalta as seguintes características como fundamentais para uma autêntica *Webquest*:

- Deve envolver uma tarefa que seja factível e que as pessoas adultas fazem ou podem fazer na vida real, seja como cidadãos ou profissionais em alguma área de atuação.
- Demanda um grau de elaboração que inclua na sua execução, capacidade de síntese, análise crítica, resolução de problemas, criatividade e julgamento.
- Deve fazer bom uso da Internet, que é o ponto central do desenvolvimento da atividade, é ali que se desenvolve a execução proposta. Webquests que não são planejadas para serem executadas utilizando materiais autênticos da rede, não podem ser consideradas Webquests.
- Não é um relatório de pesquisa simplesmente. Não se trata de meras apresentações de sites, ou reprodução de informações. Envolve organização e raciocínio sobre aquelas informações visando atingir a meta proposta no início pelo professor.

Além das características citadas acima, uma autêntica *Webquest* tem o material inicial e os resultados publicados na *Web*. Com bem ressalta Moran (2007)¹³, “a webquest propicia a socialização da informação: por estar disponível na Internet, pode ser utilizada, compartilhada e até reelaborada por alunos e professores de diferentes partes do mundo”. Além disso, o fato de ter o resultado publicado on-line contribui com o desenvolvimento das habilidades da escrita e promove maior responsabilidade por parte dos aprendizes.

São muitas as possibilidades de utilização desse modelo. As *Webquests* podem ser adaptadas em várias situações desde que mantenham as características básicas descritas. É preciso que os professores ao direcionar suas aulas,

¹³ MORAN, José. Como Utilizar as Tecnologias na Escola. In: **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Papirus, 2007, p 101. disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>>

aproveitem o que a Internet tem de melhor e explorem com seus alunos este vasto ambiente de aprendizagem que se lhes apresenta.

5 CONCLUSÃO

Hoje é fato que o aprendizado é uma etapa que se prolonga indefinidamente, independentemente da área de conhecimento. Portanto, é fundamental que o indivíduo desenvolva uma postura autônoma para com o seu aprendizado. E o desenvolvimento dessa autonomia é uma das contribuições mais valiosas para com a formação dos alunos e professores, todos aprendizes, que o modelo eficaz de educação integrado à tecnologia pode proporcionar. Considera-se uma contribuição de grande valor, pois é uma característica que se incorpora na atitude do aprendiz e que se exterioriza através da manutenção de uma postura crítica e reflexiva perante a enorme quantidade de informações a que se expõem regularmente. Essa postura conduz o aprendiz a desempenhar um papel mais ativo no processo de aprendizagem, buscando sempre a construção de conhecimento.

Na literatura especializada enfatiza-se a importância da construção do conhecimento ao invés de transmissão, e na urgente necessidade de se incorporar a tecnologia com a pedagogia. É inquestionável o benefício que a tecnologia traz para o processo de ensino e aprendizagem, mas faz-se necessário que os professores de modo geral estejam realmente cientes e informados que é preciso muito mais que o simples acesso a essa tecnologia para que se promova o conhecimento.

Percebe-se que muitos professores que já aderiram à utilização de recursos tecnológicos, os utilizam para meramente expor conteúdos. Para evitar que o professor reitere práticas conservadoras e permaneça transmitindo informações, considerando o seu aluno ainda como um receptor passivo de informações e não como interlocutor, é essencial o desenvolvimento de novas metodologias e propostas pedagógicas que incorporem a tecnologia como elemento fundamental ao processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a questão do treinamento do professor neste cenário torna-se fator de grande relevância. É de extrema importância que o mesmo saiba o que há disponível hoje em termos de tecnologia educacional.

Com relação à preparação dos professores da língua inglesa para com a integração da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem, na literatura da área é vasto o material encontrado. Percebe-se ser possível para o profissional tornar-se informado tecnologicamente, principalmente se tal preparação tiver o apoio das instituições envolvidas. Há inúmeras instituições privadas que oferecem esses serviços via Internet. Sites especializados no ensino da língua inglesa direcionados para os professores oferecem gratuitamente farto material de pesquisa, dicas, explicações sobre recursos tecnológicos disponíveis, alguns em linguagem mais técnica, outros adotando uma linguagem mais acessível. Entretanto, é relevante ressaltar dois aspectos.

Primeiro, o professor, deve não somente conhecer os recursos tecnológicos, ou seja, estar bem informado tecnologicamente, mas também se faz necessário que o mesmo esteja informado da necessidade pedagógica e realidade tecnológica de seus alunos. Para ir além da efêmera motivação inicial que o emprego de recursos da informática e Internet provocam, deve haver uma fundamentação pedagógica no seu emprego, bem como a viabilização do uso daquela tecnologia.

O segundo aspecto refere-se à capacidade de avaliação crítica que o professor deve nutrir permanentemente. Em uma realidade onde há muita informação e pouco conhecimento, é necessário saber analisar criticamente o conteúdo do material disponível na rede e orientar seus alunos quanto à importância dessa postura crítica.

Sob a perspectiva de integração da tecnologia no meio educacional, mais especificamente no ensino da língua inglesa em instituições privadas, tem-se a proposta do *Blended Learning*. Proposta cujo formato permite sua aplicação a uma variedade de situações. O professor, tendo em vista o perfil e objetivo de seus alunos pode fazer uso não só do que julgar mais adequado em termos de pedagogia nas aulas presenciais, mas ainda potencializar o aprendizado utilizando-se de recursos tecnológicos disponíveis. Percebe-se que hoje há uma busca constante de resultados rápidos, e a adequação de um curso de inglês conforme o perfil e necessidades específicas do aluno vem de encontro a essa necessidade.

Seguindo a proposta do *Blended Learning*, as *webquests* surgem no campo da educação como instrumento de grande eficácia para tirar o foco da

simples transmissão de conteúdos específicos e dar à aprendizagem o rumo da busca da informação significativa, da pesquisa, da capacidade argumentativa. Através de sua correta elaboração e aplicação, objetiva-se fazer com que os alunos aprendam a gerenciar um conjunto de informações e torná-las algo significativo para cada um deles, isto é, objetiva-se alcançar o aprendizado com significado, aprender a aprender.

A língua inglesa é uma ferramenta importante para o aprofundamento em qualquer área do saber, e o seu domínio já contribui enormemente para a autonomia do indivíduo. Contribuição importante, mas não é garantia de conhecimento. Conforme o exposto, o fato de saber usar a linguagem da informática não implica em dizer que o usuário saiba transformar a informação acessada em conhecimento, o mesmo se aplica ao domínio do idioma. Este domínio permite uma ampliação do universo de informações, mas não necessariamente um aprofundamento em termos de conhecimento.

Conclui-se, portanto, que a integração da tecnologia com a pedagogia de forma geral é inevitável. Mais especificamente no ensino da língua inglesa em instituições privadas, o *blended learning* surge como uma proposta para aliar de forma eficaz alguns dos recursos tecnológicos que hoje estão disponíveis a práticas pedagógicas de cunho mais tradicional. Contudo, faz-se necessário uma postura crítica e reflexiva do professor da língua inglesa para que essa integração seja sensata, equilibrada e realmente inovadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.171-191

_____. Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, PUC, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>> Acesso em: 25 Jul 2007.

ALVAREZ, S. Blended learning solutions. In **Encyclopedia of Educational Technology**. Disponível em:
<<http://coe.sdsu.edu/eet/articles/blendedlearning/start.htm>> Acesso em: 18 jul. 2007

CARMAN, Jared. Blended Learning Design: Five Key Ingredients. KnowledgeNet. Out. 2002. Disponível em:
<http://www.knowledgenet.com/pdf/Blended%20Learning%20Design_1028.PDF> Acesso em: 21 jul. 2007

CHEERS, Chris; TOWNDROW, Dr. Phillip. Blended Language Learning. **Learners Together**. Singapore, Set. 2002. Disponível em:
<<http://www.learnerstogether.net/PDF/Blended-Language-Learning.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2007

DODGE, B. Uma Técnica para Aprendizagem na rede Internet. Tradução de Jarbas Novelino Barato. Título original: WebQuests: A Technique for Internet – Based Learning. **The Distance Educator**, V.1, nº 2, 1995. Disponível em:<<http://www.webquest.futuro.usp.br/>> Acesso em 28 Jul 2007

_____. Creating WebQuests. San Diego State University, San Diego, 2007. Disponível em: <<http://webquest.org/index-create.php>> Acesso em 28 Jul 2007

DUDENEY Gavin; HOCKLY, Nicky. WebQuests. British Council, Londres, 2002? Disponível em:<<http://www.teachingenglish.org.uk/think/resources/webquest.shtm>> Acesso em: 29 Jul 2007

HOOPINGARNER, Dennie. Michigan State University. Paper delivered at the language workshop for the International Education Programs Service, Fev 2007. Disponível em: <<http://clear.msu.edu/dennie/cv/icie2007.html>> Acesso em 27 jul 2007

KENSKI, Vania. O Papel do Professor na Sociedade Digital. In: **Ensinar a Ensinar: didática pra a Escola Fundamental e Média**. São Paulo: Pioneira, 2001. p. 95-106

LOPES, Rosana. Um novo professor: novas funções e novas metáforas. In: **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, Vozes, 2005. p.33-55

MORAN, José Luiz. **Desafios da Internet para o professor**. Campinas, 2006. p.12-17 Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/desaf_int.htm> Acesso em: 20 Jul 2007

_____. **As possibilidades das redes de aprendizagem**. Campinas, 2006? Disponível em:<http://www.eca.usp.br/prof/moran/redes_aprendizagem.htm> Acesso em: 20 Jul 2007

_____. O que aprendi sobre avaliação em cursos semi-presenciais. In: SILVA, Marcos & SANTOS, Edméa. **Avaliação da Aprendizagem em Educação On-line**. São Paulo, Loyola, 2006. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/aprendi.htm>> Acesso em 05 jul 2007

_____. Como Utilizar as Tecnologias na Escola. In: **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Papirus, 2007, p 101. disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>> Acesso em 17 jul 2007

Aquifolium Educacional. **The Handbook of Blended Learning** (descrição do conteúdo) Disponível em <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/grupo/blendedlearningcontent.html>> Acesso em 15 jul 2007

MORRISON, Don. Abr 2003. Disponível em: <http://www.morrisonco.com/downloads/blended_learning_holy_recipe.pdf> Acesso em 25 jul. 2007

MOURA, Ana Maria M. **As Teorias de Aprendizagem e os Recursos da Internet Auxiliando o Professor na Construção do Conhecimento**. ABED, 2002? Disponível em: <http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=17> Acesso em 05 jul 2007

PERRENOUD, Philippe. Da Reflexão na Essência da Ação a uma Prática Reflexiva. In: **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002. p.29-70

PICONEZ, Stela C. Bertholo. Aprender e Colaborar. Revista EducaRede, Abr 2005. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/colaborar.htm>> Acesso em 10 jul 2007

SANTOS, B. e RADTKE, M. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: **Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.327-343

SHARMA, Pete; BARRETT, Barney. **Blended Learning: Using technology in and beyond the language classroom**. 1. ed. Great Britain: Macmillan, 2007.

SIMÃO NETO, Antonio et al. Planejando EAD: uma tipologia das formas de educação a distância com base nos meios utilizados e no grau de interação entre

os agentes. **Colabora – Revista Digital da CVA - RICESU**, Curitiba, v.1, n.4, p.51-68, maio 2002.

The Power of the Internet for Learning. **Final report of the Web-based Education Commission to the President and the Congress of the United States**. EUA, Dez. 2000. Disponível em:

<<http://www.ed.gov/offices/AC/WBEC/FinalReport/Section1.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2007

VALENTE, José Armando. A Espiral da Aprendizagem e as Tecnologias da Informação e Comunicação: repensando conceitos. In: **A Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.15-37

What Makes A Successful Online Facilitator? **Illinois Online Network: Educational Resources**. Chicago, Abr. 2007. Disponível em:

<<http://www.ion.uillinois.edu/resources/tutorials/pedagogy/instructorProfile.asp>> Acesso em: 08 jul.2007

ANEXOS

ANEXO A – Modelo de *Webquest* na língua inglesa

London visit *webquest*

Introduction

You and some friends have decided to travel to London for the day on Saturday. Your train arrives at Victoria Station at 10:20, and your train home leaves at 17:35. You have just over seven hours in one of the world's most interesting cities.

Task

You are going to plan your day out in London. You want to see at least three of the most famous landmarks, e.g. Buckingham Palace; visit one big museum; and do some shopping. Remember, you can walk around the centre of London, but if you want to visit things outside the centre, you need to take the Underground. Your plan should include how much money you will need. Most national museums are free; other tourist attractions charge for entry.

Process

Use the resources to plan your time in London. You do not need to have an exact timetable. Do not forget you need time to get from one place to another, whether you walk or use the Underground. You are taking a packed lunch, so you do not need to research restaurants, but you need to decide on a good place to sit and eat your sandwiches. Be ready to explain your plan to the rest of the group.

Resources

Map of London

<http://maps.google.co.uk/maps>

<http://www.panoramicearth.com/index.php?europe/england/london>

Enter 'London' in the Google Maps search box, then use the controls to zoom in closer and move around the map. To find a good place to sit and eat your lunch, use the Panoramic Earth website.

London Underground

<http://www.visitlondon.com/tubeguru>

If you decide to travel by Underground, use this website to plan your journey and to find out what is close to each station.

Tourist information

<http://www.visitlondon.com>

Find the essential Guide to London and click on Attractions to find out about places to visit or Shopping to find out where to buy things.

Evaluation

You need to have a well-organized day. Do not try to include too much in your seven hours. Think carefully about how to explain your day and why you want to visit the places on your plan. When you are presenting your plan, do not forget that your visit is in the future.

Conclusion

You now know more about what to do in London. You have also practiced talking about future plans.

Photocopiable

Blended Learning® Macmillan Publishers Limited 2007

Fonte: SHARMA, Pete; BARRETT, Barney. **Blended Learning**: Using technology in and beyond the language classroom. 1. ed. Great Britain: Macmillan, 2007 p.136

ANEXO B – Modelo de *Webquest* em versão em português

Webquest: uma visita a Londres

Introdução

Você e alguns amigos decidiram viajar para Londres para passar o dia de Sábado. Seu trem chega na Estação Victoria às 10:20, e seu trem de retorno sai às 17:35. Você tem somente sete horas em uma das cidades mais interessantes do mundo.

Tarefa

Você vai planejar seu dia em Londres. Você quer ver pelo menos três dos mais famosos marcos históricos, por exemplo, o Palácio de Buckingham; visitar um grande museu; e fazer algumas compras. Lembre-se que você pode andar no centro de Londres, mas se você quiser visitar outros pontos fora do centro, terá que tomar o metrô. Seu planejamento deve incluir quanto dinheiro você vai precisar. A maioria dos museus nacionais é gratuita; outras atrações turísticas cobram pela entrada.

Processo

Use os recursos para planejar seu tempo em Londres. Você não precisa ter uma programação de horários exatos. Não se esqueça de que você precisa de tempo para se locomover de um lugar para outro, seja caminhando ou utilizando o metrô. Você vai levar um lanche para almoço, portanto, não há necessidade de pesquisar restaurantes, mas você precisa decidir sobre um bom lugar para sentar e comer seus sanduíches.

Esteja pronto para explicar seu planejamento para o restante do grupo.

Recursos

Mapa de Londres

<http://maps.google.co.uk/maps>

<http://www.panoramicearth.com/index.php?europe/england/london>

Dê um enter em 'London' (Londres) na caixa de busca do *Google Maps*, depois use os controles para aproximar a imagem e explorar o mapa. Para localizar um bom lugar para sentar e almoçar, use o site 'the Panoramic Earth'.

Metrô de Londres

<http://www.visitlondon.com/tubeguru>

Caso você decida utilizar o metrô, entre neste *site* para planejar sua viagem e descobrir o que está mais próximo de cada estação.

Informação turística

<http://www.visitlondon.com>

Encontre o Guia essencial de Londres e clique em 'Atrações' para descobrir lugares para visitar ou 'Compras' para descobrir lugares para ir às compras.

Avaliação

Você precisa ter um dia bem organizado. Não tente incluir coisas demais em suas sete horas. Pense com cuidado em como expor o seu planejamento e por que você quer visitar os lugares escolhidos. Enquanto estiver apresentando seu planejamento não esqueça que sua visita será no futuro.

Conclusão

Agora você sabe mais sobre o que fazer em Londres. Você também praticou a estrutura para falar sobre planos futuros.